



Estudos de Psicologia

ISSN: 0103-166X

estudosdepsicologia@puc-
campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas
Brasil

Augusto de Mello Pisetta, Maria Angélica
Inconsciente e transferência: perspectivas na clínica
Estudos de Psicologia, vol. 29, núm. 1, enero-marzo, 2012, pp. 95-103
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335577011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Inconsciente e transferência: perspectivas na clínica¹

Unconscious and transference: the clinical perspective

Maria Angélica Augusto de Mello **PISETTA**²

Resumo

Como fenômeno clínico, a transferência sempre é acompanhada por seu caráter antinômico. Ela é abertura à interpretação e ao encontro com o analista, em contrapartida se apresenta também como um obstáculo, exibindo sua face de resistência. Freud se mostra atento às duas vertentes clínicas, teorizando-as em diferentes momentos, em especial quando se refere à estereotipia do inconsciente que a transferência convoca. Também ressalta sua abertura, quando a situa como condição de interpretação. Como conduzi-la, levando em conta sua contradição interna? É a partir dessas questões que abordaremos a proposição lacaniana de que a transferência demarca um fechamento do inconsciente, articulada que está a ele numa pulsação temporal.

Unitermos: Freud. Inconsciente. Lacan. Resistência. Transferência.

Abstract

As a clinical phenomenon, transference is always accompanied by its antinomic character. It is open to interpretation and the encounter with the analyst, however it also presents itself as an obstacle, showing its resistant side. Freud was aware of both clinical sides, theorizing on them at different moments, especially when referring to the stereotyped behavior of the unconscious which transference summons. He also stresses its openness, where he situates it as a condition of interpretation. How do we proceed with this, bearing in mind its internal contradiction? It is based on these questions that we will address the Lacanian proposition that transference delineates a closing of the unconscious, which is expressed in a heartbeat in time.

Uniterms: Freud. Unconsciousness. Lacan. Resistance. Transference.

A transferência, como tempo de fechamento ligado à enganação do amor, integrou-se a essa pulsação [do inconsciente] (Lacan, 2003, p.196).

A transferência é um fenômeno fundamental para a psicanálise. Acompanhada pelo amor desde o início, ela se revela um desafio, especialmente para os jovens analistas. Seu manejo se revela espinhoso tam-

bém, sobretudo, em virtude de sua íntima relação com o inconsciente. Tal relação foi tematizada por Freud, que a conceituou como a repetição de estereótipos inconscientes (Freud, 1915/1980e, p.133), e ainda por Lacan,

▼▼▼▼▼

¹ Artigo elaborado a partir da tese de M.A.A.M. PISETTA, intitulada "Transferência e repetição: os limites do simbólico na clínica psicanalítica". Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

² Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Campus do Gragoatá, R. Prof. Marcos Valdemar de Freitas Reis, s/n., Bloco D, Gragoatá, 24210-201, Niterói, RJ, Brasil. E-mail: <angelicapisetta@yahoo.com.br>.

que a definiu como a “atualização³ da realidade do inconsciente” (Lacan, 1964/1988).

Este artigo pretende discutir essa vinculação ao inconsciente e ainda estabelecer uma relação entre essas duas definições de transferência, tendo em vista a necessária discussão acerca da natureza dessa “realidade”. Para tanto, será indispensável retomarmos as afirmações freudianas de 1914, em que o autor equipara e articula, conceitualmente, repetição e transferência, a partir da afirmação de que a transferência é a repetição de este-reótipos inconscientes.

Tomou-se *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de Jacques Lacan, no que tange ao conceito de transferência, como ponto de apoio. Isso não se faz, contudo, sem maiores desafios. Esse seminário de Lacan representa uma virada conceitual e institucional do autor no que diz respeito à psicanálise, e é na efervescência dessas mudanças que ele revê os conceitos fundamentais da psicanálise: o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão.

Miller (1997, p.17) se refere ao ensino desse período como um seminário “de alguém que está começando de novo”, e não apenas de um recomeço no que se refere à audiência ou ao lugar de exposição, mas, fundamentalmente, de uma nova maneira de conceber a psicanálise, e, dessa forma, de um profundo questionamento do modo com que Freud concebeu sua psicanálise. Contudo, se por esse trabalho, Lacan se afasta consideravelmente de Freud, por outro lado, trata-se, nesse seminário, ainda segundo (Miller, 1997, p.20), de destacar o que está presente em Freud que pode ser lido em seus retrocessos e avanços, ainda que não tenha sido formalizado por ele. É, como diz o autor, “um mais além interno”. que Lacan propõe com seu destaque dos conceitos freudianos, aqui chamados “conceitos fundamentais”.

No conceito de transferência, completamente reordenado a partir de então, os aspectos do saber e do sujeito estão em cena, destacando ainda mais suas vinculações com o conceito de inconsciente. Miller (1997, p.24) se refere a ela como “um aspecto do inconsciente”. Modificam-se, sobretudo, as relações estruturais entre o conceito de transferência e o de repetição, porta

de acesso para pensarmos na relação íntima da transferência com o inconsciente. Se em Freud podemos encontrar esses conceitos muitas vezes superpostos, e se, num primeiro momento de Lacan, vemos até uma tentativa de fazê-los coincidir, aqui a retomada é radical. O autor destaca um *real* que se apresenta na repetição - aqui denominado por ele de *tiquê* (Lacan retoma os termos aristotélicos *Tiquê* e *Automaton* para repensar sua teoria da repetição). Esse real afasta a repetição da transferência, enquanto conceito. Para caracterizá-la, Lacan utiliza o conceito de *realidade*. É pela realidade - sexual - que Lacan irá definir a transferência, numa atualização proporcionada pela presença do analista.

Miller (1997) destaca que, para seguir Lacan, nessa revisão, é preciso diferenciar realidade de real, dando ao primeiro conceito o estatuto da fantasia, realidade psíquica, e a este último (o real) a noção do que não pode ser simbolizado: “a realidade do inconsciente é sempre ambígua e ilusória, ao passo que a repetição está ligada ao real, que não engana” (p.24). O destaque dado aqui à realidade, no que diz respeito à transferência, é no sentido de salientar sua ambigüidade, ligada à sua determinação significativa. Miller acentua que poderíamos ler os capítulos desse seminário referentes à transferência a partir das “mentiras” que as históricas não se cansam de contar em suas análises, que revelam - a despeito de sua intenção - a verdade calada no inconsciente.

Miller (1997) destaca ainda que Lacan situa a repetição, nesse seminário, como o método da psicanálise Lacan situa, assim, o que não mente na repetição, numa impossibilidade da linguagem abarcar tudo. Toma-se essa impossibilidade para se situar melhor em relação à ambigüidade primordial da transferência, sua estrutura de engano.

Diferenças conceituais entre transferência e repetição

Um deslizamento possível do conceito de transferência é sua equiparação com o conceito de repetição. Esse deslizamento não é apenas apressado ou imediato, é também plausível. A análise possibilita que, pela transferência, o sujeito possa reviver relações já experi-

mentadas, tomando o analista como outrora tomava seu pai, sua mãe ou qualquer outro objeto significativo de sua vida. Esse fato clínico da repetição estereotípica das relações foi uma das primeiras constatações do pai da psicanálise. A transferência demonstrava, assim, sua relação íntima com a repetição, já que, a partir desta última, era dada ao analista a possibilidade de identificar a primeira. Freud (1914/1980d, p.197), então, concluiu que “A transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido”.

A proximidade clínica e conceitual dos dois fenômenos foi aqui demarcada. Contudo, podemos interpretá-los como sinônimos? Para Lacan, essa interpretação não penetra além dos efeitos da transferência. Precisamos ir além, indagando sobre sua causa. Se conduz para além da coincidência aparente entre esses conceitos, pergunta-se por que eles não se confundiriam, já que, à primeira vista, a semelhança salta aos olhos. Para responder a essa questão, é fundamental frisar a estrutura de linguagem em que a transferência se situa, e destacar que, para além da repetição dos estereótipos inconscientes, a repetição desvela um encontro com o inassimilável, com aquilo que não se articula a partir da linguagem.

Deve-se ressaltar que, para Freud (1914/1980d), o sujeito repete em vez de recordar. Pode-se pensar nesse impossível de recordar como algo que não pode ser recordado em virtude do trabalho da defesa ou como um obstáculo irredutível à simbolização. Lacan indica o segundo caminho: obstáculo constitutivo do sujeito, muito mais do que impedimento neurótico, esse não poder lembrar-se não se esgota, conceitualmente, na referência à resistência do recalado, mas remete ainda a um limite radical da simbolização. Desse modo, a repetição não transmite apenas uma repetição significativa, que conta uma estória, mas, sobretudo, exhibe um real da impossibilidade de tudo articular pelo significativo. Contudo, desse limite, o sujeito nada quer saber. Lacan (1964/1988), sublinha que é bem nesse limite da rememoração que vemos uma “passagem de poderes ao Outro” (Lacan 1964/1988, p.125), pela qual o sujeito concede ao Outro um saber prévio, ao qual ele não tem acesso direto. Como se discutiu, pode-se entender que isso se deva ao limite interno da rememoração, em virtude da resistência do recalamento (e aí teríamos a

concepção segundo a qual a repetição coincide conceitualmente com a transferência), ou podemos aí entrever a operação de *tiquê*, demarcando uma falta de articulação significativa radical, presente na linguagem. Lacan (1964/1988, p.125) define o grande Outro como “o lugar da fala (*parole*), virtualmente, o lugar da verdade”. *Tiquê* representa, então, um ponto de oposição a essa possibilidade de simbolização, algo que acompanha a transferência, mas que não a define. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a transferência transmite uma mensagem inconsciente, sua manifestação pela repetição indica que essa mensagem não pode ser plenamente conhecida, pois resta um algo de inassimilável radical. Essa é a novidade lacaniana apresentada em 1964, que distancia os conceitos de repetição e transferência. Aqui a transferência apresenta-se como uma mensagem interrompida pela repetição.

A transferência como fechamento do inconsciente

A transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente torna a se fechar. Longe de ser a passagem de poderes ao inconsciente, a transferência é, ao contrário, seu fechamento (Lacan, 1964/1988, p.125).

Pensar a transferência como fechamento do inconsciente implica considerarmos a ampliação do conceito de inconsciente em 1964. A tese lacaniana, pela qual ele propõe um ‘retorno a Freud’, pressupõe que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem (Lacan, 1966/1998, p.881). Essa tese se amplia nesse importante seminário de virada de Lacan. Contudo, agora essa linguagem inconsciente não está pressionando o tempo todo para ser ouvida. Ela se recolhe, especialmente, na transferência. Só se pode pensar a transferência marcada por esse fechamento quando a aproximamos do texto freudiano se for levada em conta a essência de resistência, extensamente demonstrada por (Freud, 1912/1980b, p.139). Em *A dinâmica da transferência*: “Podemos concluir que a intensidade e a persistência da transferência constituem efeito e expressão da resistência”.

Por essa condição da transferência, evidencia-se que, sempre que ela está presente, algo de um fechamento também se apresenta. O que é paradoxal

no conceito (e no fenômeno da transferência) é que, ao mesmo tempo em que ela exhibe um obstáculo, ela proporciona uma abertura à interpretação do analista. Condição da análise, a transferência revela um impasse - e, sobretudo, uma dificuldade intrínseca a seu manejo, como salientou Freud - em virtude de sua contradição interna. Em relação a essa antinomia presente na transferência, Brousse (2008, p.25) sublinha que, já em Freud, pode-se encontrar duas facetas da transferência: a que permite e causa o trabalho analítico e a que lhe faz obstáculo, traduzida por Lacan a partir do conceito de *gozo*. Brousse ensina que, no avanço teórico de Lacan, a transferência é cada vez mais figurada como gozo, não sendo, no entanto, aí contemplada uma vertente de obstáculo. Gozo, mas não necessariamente obstáculo, a transferência convoca a interpretação em ato. No momento teórico que foi tomado como base - 1964 -, entende-se que o modo adotado por Lacan para destacar essa aporia é o recurso temporal ao abrir e fechar.

O fator tempo aí inserido - um abrir e fechar imprime um caráter temporal ao conceito de inconsciente - para se pensar a transferência, implica, a nosso ver, que se considere um fechamento atrelado a uma abertura e que a transferência se situa no momento desse fechamento.

A partir da consideração da transferência como “momento de fechamento do inconsciente”, um paradoxo surge quando se pensa na afirmação de Freud de que a transferência é decisiva para a efetividade da interpretação (Freud, 1915/1985). Com Lacan, pode-se afirmar que a interpretação é decisiva porque convoca novamente, à revelia da transferência, o inconsciente (Lacan, 1964/1988, p.125).

O inconsciente, lugar do discurso do Outro, de um saber que não tem conclusão possível (Lacan, 1964/1988), *interpreta antes mesmo do analista*, como marca Freud a respeito da convicção do paciente oriunda de uma construção do analista (Freud, 1937/1980g). Nesse sentido, a interpretação já existe, antes de qualquer transferência ou situação analítica, por intermédio do discurso do Outro, lugar do inconsciente.

Desse modo, a interpretação do analista suscita o inconsciente ou, como melhor ilustra Lacan: “é ele [o discurso do Outro, o inconsciente], que, pela boca do analista, apela à reabertura do postigo” (Lacan, 1964/1988,

p.126). É muito ilustrativa essa referência de Lacan a uma pequena porta, à qual se dirige a interpretação do analista. Ressalta ele que a *bela* com quem queremos falar (o inconsciente), por intermédio da interpretação, encontra-se aprisionada, pela formação da transferência (Lacan, 1964/1988, p.126). A interpretação convoca o inconsciente, discurso do Outro, a despeito da transferência. O ponto central da concepção da transferência como fechamento do inconsciente, como já se frisou, é a demarcação freudiana de que ela se apresenta exemplarmente sob o registro de uma resistência:

Insisto nesse procedimento, (o uso do *divã*), pois seu propósito e resultado são impedir que a transferência se misture imperceptivelmente às associações do paciente, isolar a transferência e permitir-lhe que apareça, no devido tempo, nitidamente definida como resistência (Freud, 1913/1980c, p.176).

O paradoxo que Lacan aponta no que tange à transferência é que onde ela se insurge - estancando a pulsação inconsciente -, a interpretação pode se tornar eficaz. Ou seja, sua função é contraditória à medida que evidencia tanto a possibilidade de efetividade da interpretação (e acesso ao inconsciente) quanto sua vertente de obstáculo, de fechamento do inconsciente. Nesse sentido, como Lacan nos diz, ela é um nó (Freud, 1913/1980c, p.126). A transferência encontra-se, a partir dessas considerações, como um modo de acesso ao inconsciente, mas no que ela comporta de fechamento e não como se poderia crer, numa condução direta a ele. Resguardam-se as diferenças fundamentais entre esta e a repetição no que diz respeito ao acesso ao inconsciente e ao que ele comporta de ambiguidade, já que a repetição destaca uma falta intrínseca à linguagem:

Vocês vêem desde já que a transferência - tal como a representamos, como modo de acesso ao que esconde de inconsciente - *só poderia ser, por si mesma, uma via precária* ... Vemos então que a transferência, como modo operatório, *não poderia bastar-se em se confundir com a eficácia da repetição, ... se não com a catarse dos elementos inconscientes* (Lacan, 1964/1988, p.137, grifo meu).

A eficácia que pode-se encontrar na repetição é o limite à simbolização. Em assim sendo, a repetição, em seu núcleo de real, não deixa dúvidas quanto à impossibilidade de encontrar um sentido último. No outro extremo, em se tratando de simbolização, a transferência se apresenta absolutamente perpassada pelos

significantes, contando uma estória erótica, a partir do encontro com o real da presença do analista. É deste modo que entendemos a “catarse dos elementos inconscientes” a que Lacan aqui se refere.

É um caminho significativo que conduz o sujeito até seu analista (na seriação dos objetos de desejo). É pela repetição significativa que a transferência se apresenta, e é também a partir desse aspecto da repetição que os dois conceitos podem ser equiparados. Freud trabalha esse aspecto dos dois fenômenos quando ressalta que, se o analista julgar que o tratamento se encerrou pelo surgimento de uma transferência erótica, a analisante reiniciará a mesma transferência, com outro analista, ou ainda com qualquer outro médico. Vê-se, a partir desse exemplo, a repetição na vida amorosa, que reproduz um modelo prévio de amar (Freud, 1915/1980e, p.208).

É nesse sentido que Lacan afirma que há repetição na transferência. Contudo, tomar a repetição em seu núcleo real, como um encontro com o inassimilável, ainda que velado pela repetição dos significantes, exige um distanciamento conceitual entre a transferência e a repetição. Elas não se confundem - o conceito de transferência não pode abranger o de repetição -, não porque a transferência é mais eficaz no alcance do inconsciente, pelo contrário, o alcance maior do que o inconsciente exhibe a falha; o tropeço é dado através da repetição.

Nesse sentido, a transferência é, fundamentalmente, tapeação, “catarse dos elementos inconscientes”. Lacan (1964/1988, p.138) define a transferência, em seu paradoxo, como sendo “ao mesmo tempo obstáculo à rememoração e presentificação do fechamento do inconsciente”. É nesse sentido que entendemos as advertências feitas por Freud em relação à transferência, já no final de sua teorização, quando destaca que “partes residuais da transferência” (Freud, 1937/1980g, p.249) não tratadas pela análise poderiam proporcionar crises subsequentes. A importância da dissolução da transferência, como entendemos, ressalta a função de resistência que a transferência comporta.

A transferência é a atualização da realidade do inconsciente

Pensar a transferência como um fechamento do inconsciente implica destacar, paradoxalmente, uma

relação estrutural entre ambos. Essa relação é formalizada por (Lacan, 1964/1988, p.142) em 1988, por meio da fórmula segundo a qual “A transferência é a atualização da realidade do inconsciente”. *“Le transfert est la mise en acte de la réalité de l’inconscient”*. Pretende-se desdobrar tal afirmação, cotejando-a com o trabalho de Freud sobre a transferência.

Antes, porém, cabe uma nota acerca da tradução de “mise en acte” por “atualização”, realizada pela terceira edição de *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de Jorge Zahar editor. A tradução privilegiou a fórmula: “A transferência é a atualização da realidade do inconsciente”. A palavra “atualização” comporta muitos sentidos. O dicionário Aurélio (Ferreira 1999) destaca seu emprego na filosofia como “ato ou efeito de atualizar, ato ou fato de tornar atual”. Por outro lado, “ato” comporta uma nuance, que destaca além da presentificação (do tornar atual), uma modificação, no ato da atualização. Destaca-se um dos sentidos propostos pelo dicionário: ato é “o processo de criação ou de modificação de um ser” (Ferreira, 1999, p.230).

Conforme se supõe, a insurgência do *real* na transferência aparece na fórmula citada, através do ato (*mise en acte*). A “atualização” remeteria, então, no mesmo golpe, ao real e à presentificação. Desse modo, Lacan destaca tanto uma vertente de atualidade à transferência (como já o fazia), quanto um real que torna o encontro com o analista algo de não simbolizável, não submetido às leis que regulam o recalcado, em outros termos, não significativo.

Apropriando-se da definição do verbete do dicionário, pode-se também dizer que, pela modificação da definição do conceito de transferência, Lacan acentua ainda *um fazer* pela transferência. Utilizou-se a tradução “atualização”, atentando, contudo, aos aspectos aqui discutidos.

O que logo salta aos olhos na nova formulação da transferência é que ela é aparentemente simples. Ao se levarem em conta as afirmações lacanianas anteriores sobre a transferência, pode-se pensar numa continuidade (especialmente a definição em que a transferência é tomada sobretudo por sua vinculação ao amor que a acompanha, de Lacan, 1999, p.195). Isso, contudo, é apenas aparente. As reformulações dos conceitos de inconsciente, pulsão e repetição implicam uma descon-

tinuidade que acompanha essa definição, e encontram-se diretamente implicados na nova conceituação de transferência. Tentou-se demonstrar essa modificação a partir da análise da fórmula.

O primeiro desdobramento da fórmula, efetuado por Lacan, é a consideração de que essa realidade, que a transferência atualiza, é sexual. Como se trata fundamentalmente do inconsciente no novo conceito de transferência, vê-se que o significante é aqui aproximado da sexualidade. O título da lição XII desse seminário demonstra essa aproximação: *A sexualidade nos desfiles do significante* (Lacan, 1964/1988, p.142). A tradução do título da lição (em francês: *La sexualité dans les défilés du signifiant*) para o português estabeleceu o termo “desfiles”, enquanto no espanhol temos *desfiladero*, que comporta ainda os sentidos de “passagem estreita”, “garganta”, “passo”. Desfile, por outro lado, sugere “sucessão”, “encadeamento”. Entende-se que a sexualidade não apenas se imiscui na sucessão dos significantes, como demarca um espaço que intervala (ou seja, dispõe com intervalos, alterna) os significantes. A ideia de um desfileiro é retomada por Lacan em seu escrito *Posição do inconsciente* (Lacan, 1966/1998, p.858), quando o autor destaca que, no intervalo entre os significantes, outra coisa motiva o sujeito, além daqueles efeitos de sentido que a cadeia impõe a ele.

Lacan situa, desse modo, a sexualidade atrelada ao significante, produzindo seu encadeamento. No entanto, essa pressuposição introduz o sexual a partir do significante, orientado por ele. Nesse sentido, a transferência destaca, inicialmente, a sexualidade e suas determinações significantes e ainda aquilo que, na sexualidade, escapa a toda possibilidade de inscrição signifiante.

Destacar o sexual como a realidade do inconsciente amplia o debate em torno da transferência para a discussão da parcialidade da pulsão e de um pretenso desenvolvimento libidinal. De que sexual se trata na realidade do inconsciente? Como ele se apresenta na transferência?

Concebendo o amor de transferência como um genuíno amor (Freud, 1915/1980f), somos levados, de antemão, a conceber esse amor (como todo amor) como aquilo que evidencia um aprimoramento da sexuali-

dade, numa aparente unificação das pulsões parciais sob o domínio da pulsão genital, último e mais aprimorado passo do desenvolvimento sexual. Sabe-se, no entanto, que, em sua obra, Lacan trabalhou no sentido contrário, destacando que essa evolução pulsional se apresenta no registro de uma ilusão. O amor não pode ser concebido como o “representante do esforço sexual, que resumiria sua essência e sua função” (Lacan, 1964/1988, p.175).

As referências do autor à transferência destacam sua dependência do amor e sua função de velar a castração. Lacan discute a questão da autenticidade do amor exibido na transferência, dizendo que nunca se pode “carregar” a questão de um amor autêntico, indicando que não é a autenticidade do amor de transferência que está questionado, mas a autenticidade de qualquer fenômeno amoroso, que, não obstante, comporta uma dimensão de tapeação.

Nesse sentido, o que é ressaltado do amor de transferência, nesse seminário, é sua vertente de fantasia (Lacan, 1964/1988, p.175). Desse modo, amor e sexualidade ocupam lugares distintos, pois, por serem as pulsões parciais, não se prestam a uma integração. Entende-se que o amor, nesse sentido, represente uma fantasia que caminha para uma dissolução - ao menos no que tange à transferência - durante um processo de análise.

A sexualidade se “realiza” na operação parcial das pulsões. Essa parcialidade é definida por Lacan como uma parcialidade no que tange à finalidade biológica da sexualidade. Nesse sentido, o amor - o amor de transferência - não pode ser visto como uma atividade pulsional, pois está definido a partir de uma pretensa reunião das pulsões parciais em torno de um objeto, o que exigiria a conceituação de uma evolução pulsional.

Diferenciando, então, sexualidade de amor (sexualidade referida às pulsões parciais), Lacan concebe a sexualidade no intervalo produzido pela substituição significante (Lacan, 1988). Nesse sentido, pode-se entender que essa fresta tem uma economia própria, gerando um encadeamento sexual que conta uma história significante. A referência freudiana utilizada por Lacan para sustentar essa separação estrutural entre o amor e as pulsões parciais é aquela que encontramos em *As pulsões e seus destinos*.

O amor de transferência e a parcialidade da pulsão em Freud

Freud (1915/1980f), destaca que há necessariamente alguma relação entre o amor e a sexualidade, mas que definitivamente não se trata de pulsão parcial no amor, em que a dinâmica do narcisismo é evidente. Seu trabalho do ano anterior, *Introdução ao narcisismo*, marca uma distinção radical entre o nível pulsional (autoerotismo) e o nível narcísico.

Freud (1915/1980f) discute as relações estruturais entre o amor e a pulsão a partir das polaridades encontradas no amor (amar/odiar, amar/ser amado e amar e odiar/indiferença), recorrendo às antíteses presentes na vida mental: sujeito-objeto (nível real); prazer-desprazer (nível econômico) e atividade-passividade (nível biológico). Essas relações antitéticas já estão muito distanciadas dos modos de relação das pulsões parciais com seus objetos.

Estabelecendo essa distinção, o autor marca que as relações de amor e de ódio, que presenciamos no amor, não são aplicáveis às relações das pulsões com seus objetos, porque convocam uma relação do eu total com os objetos (Freud, 1915/1980f, p.49), o que não pode ser concebido nas pulsões parciais. Nesse sentido, o sexual é aqui abordado do ponto de vista da parcialidade das pulsões, como já evidenciado. Tendo em vista essa parcialidade constitucional, Lacan destaca que o objeto do amor é aquele que responde pela simetria entre o eu e o objeto. Ora, o que se conclui dessa posição é a estruturação de engano própria do amor. Por essa simetria, a relação do sujeito com o objeto de amor exige a relação narcísica do eu com seus objetos, por identificação.

Já em relação ao campo pulsional, Lacan se refere a um circuito percorrido pelo desejo em torno do objeto *a*, objeto da pulsão. O objeto *a*, causa do desejo, é formalizado nesse seminário por Lacan, tendo importante função junto ao conceito de transferência. Em 1988, é definido como o objeto que anuncia uma falta radical (em relação à simbolização).

É em torno da perda radical de um objeto que produziria a satisfação, lugar do objeto *a* na constituição do sujeito, que o desejo gira, estabelecendo, nesse contorno, os objetos do desejo. Assim, o autor ressalta: “não é que o objeto se prenda ao objeto da pulsão - o

desejo faz seu contorno, na medida em que é dele que se trata na pulsão” (Lacan, 1964/1988, p.230).

Entende-se que a transferência como atualização da realidade do inconsciente demarca a presença da sexualidade na cena analítica. Contudo, por ser o amor já um velamento dessa sexualidade - pulsional -, pela via do narcisismo, o que se apresenta, pela transferência, é já um encobrimento do sexual. Ou seja, se é o narcisismo que conduz à escolha de objeto, condição do estabelecimento da transferência, a ambiguidade que ele comporta se evidencia nesta última. O narcisismo vem mascarar uma impossibilidade de completude, só alcançada pelo imaginário de uma relação complementar. Assim, o amor de transferência se situa como um *efeito da transferência*, porque o que acompanha a sexualidade em sua parcialidade é a ilusão, proporcionada pelo amor, de uma completude.

Contudo, o que a sexualidade anuncia, para além desse efeito de amor, é a relação da pulsão com seus objetos parciais. Assim, o amor de transferência - como todo amor - *funciona* como um encobrimento do pulsional. Desse modo, a realidade em causa na transferência é a sexual, no que ela comporta de velamento narcísico à parcialidade da pulsão. É também nessa vertente que entendemos a afirmação de Lacan de que a transferência representa o fechamento do inconsciente. Esse velamento narcísico introduz, no circuito pulsional, as marcas do Outro, tema que nos conduz agora.

A transferência e o campo do Outro

Desdobrando a conceituação de transferência, (Lacan, 1964/1988, p.194) assinala que o que retorna na transferência é o campo do Outro. A definição de *grande Outro* nos auxilia por demarcar esse campo como “o lugar em que se situa a cadeia do significante que *comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito*” (Lacan, 1964/1988, p.194, grifo meu). Sendo o campo do Outro a condição da existência do sujeito, suas marcas, amarrações significantes, presentificam-se na relação do sujeito com o Outro, manifesta na transferência.

É também no campo do Outro que Lacan situa a pulsão, parcial em sua essência, demarcando seu retorno no fenômeno da transferência. Essa parcialidade da pulsão se traduz, para ele, por duas faltas, que recobrem

o campo da sexualidade. A primeira decorre da dependência do sujeito ao significante. Sabe-se o quanto Lacan (1960/1999), acentuou, desde seus primeiros seminários, a dependência da transferência, bem como da experiência analítica, à estrutura da linguagem. Em *O seminário, livro 8: a transferência* ele discute os alcances da interpretação analítica, salientando que toda interpretação da transferência repousa sobre a prerrogativa de que ela é “permeável à ação da fala” (Lacan, 1960/1992, p.175). A fala se mantém na experiência analítica porque é suportada pela transferência, que dá passagem à linguagem. Manifestação significativa por excelência, a transferência suporta a linguagem no discurso analítico.

Freud (1900/1980a) destaca a relação íntima entre a linguagem e a transferência a partir de sua primeira formulação de transferência. Em *A interpretação dos sonhos*, ele descreve o deslocamento de uma palavra, do inconsciente para o pré-consciente, definindo, pela primeira vez, o que mais tarde figuraria como um dos conceitos fundamentais de sua obra:

Aprendemos dessas últimas [das neuroses] que uma ideia inconsciente é, como tal, inteiramente incapaz de ingressar no pré-consciente e que só pode exercer ali algum efeito através da ligação com uma ideia que já pertence ao último, transferindo sua intensidade para ela e ficando “coberta” pela mesma (Freud, 1900/1980a, p.93).

Ve-se, então, que a ideia é transferida de um lugar ao outro, por efeito da substituição significativa que a aproxima de outra ideia eleita. Entende-se, desse modo, que Freud demarca não apenas o contexto de linguagem, em que ocorre a transferência, mas sua derivação da linguagem.

A segunda falta citada por Lacan é sustentação lógica da primeira. Decorre da falta real de todo vivente: “a falta real é o que o vivente perde, de sua parte de vivo, ao se reproduzir pela via sexuada” (Lacan, 1964/1988, p.195). Por essa condição (submetido ao sexo), todo sujeito, porque está ligado à cultura, “experimenta” uma perda real, para dar continuidade ao seu nome. A relação com a morte está inscrita então no sujeito, a partir de sua determinação sexual. Nesse sentido, há uma relação conceitual de dependência entre sexo e morte, já que a manutenção do homem está contida no gérmen de cada indivíduo, que, por isso, morre. Assim, “a existência repousa na cópula” (Lacan, 1964/1988, p.143), pois o homem permanece, a partir dela. As trocas fundamen-

tais que permitem a perpetuação baseiam-se nas alianças e não na natureza, sendo, portanto, obtidas no nível simbólico; elas situam-se numa sexualidade social, pois as alianças e os contratos são fundamentais para a manutenção do humano. Em decorrência de tais alianças, o que se transmite é um nome e não necessariamente a vida (Brousse, 1997, p.121).

Entende-se, desse modo, que o sujeito é dividido por essas duas faltas constitutivas: a falta real, que decorre de sua condição sexual, e a falta simbólica, que decorre da impossibilidade de que ele possa situar sua existência completamente a partir do significante. Como adianta Lacan, a falta simbólica recobre a real, tendo por “auxílio” a montagem imaginária da completude amorosa: “Não há acesso ao Outro do sexo oposto senão através das chamadas pulsões parciais, onde o sujeito busca um objeto que lhe reponha a perda de vida que lhe é própria, por ele ser sexuado” (Lacan, 1966/1998, p.863).

A primeira falta citada por Lacan, que é engendrada a partir da determinação simbólica do sujeito, refere-se, como já dito, às relações do sujeito com o Outro. Nesse sentido, o sujeito não é mais do que um efeito da cadeia significativa. O sujeito está num lugar indeterminado, já que a referência significativa, que vem do campo do Outro, não pode identificá-lo plenamente. As marcas significantes que também o constituem, contudo, são as marcas com as quais ele se conduzirá, procurando se separar na análise, através da atualização da realidade do inconsciente.

Considera-se que as definições freudiana e lacaniana apontadas aqui, a saber, a transferência como atualização da realidade do inconsciente e a transferência como repetição dos estereótipos inconscientes, encontram pontos de articulação ao se levarem em conta as diferenças fundamentais entre os conceitos de inconsciente, repetição e transferência. Estabelecer essas distinções auxilia a condução da transferência, por demarcá-la a partir da pontuação que seu estabelecimento comporta: paradoxalmente, a presença do inconsciente e seu fechamento.

Referências

- Brousse, M.-H. (1997). A pulsão I. In R. Feldestein, B. Fink & M. Jaanus. *Para ler o seminário 11 de Lacan* (pp.115-124). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Brousse, M.-H. (2008). *Arquivos da biblioteca 5. Conferências de Marie-Hélène Brousse*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Ferreira, A. B. H. (1999). *Dicionário Aurélio (novo): século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud, S. (1980a). A interpretação dos sonhos. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.2, pp.131-146). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1900).
- Freud, S. (1980b). A dinâmica da transferência. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.12, pp.131-146). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1912).
- Freud, S. (1980c). Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.12, pp.163-187). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1980d). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.12, pp.193-207). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1980e). Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.12, pp.207-221). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1980f). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.14, pp.169-190). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1980g). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.14, pp.247-290). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1937).
- Freud, S. (1980h). *O inconsciente*. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.14, pp.191-252). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1985). *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1915).
- Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11: os quatro conceitos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964).
- Lacan, J. (1992). *O seminário. Livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1960).
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1966).
- Lacan, J. (1999). *O seminário. Livro 5: formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964).
- Lacan, J. (2003). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J.A. (1997). Contexto e conceitos. In R. Feldstein, (Org.), *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pisetta, M. A A M. (2006). *Transferência e repetição: limites do simbólico na clínica psicanalítica*. Tese de doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Recebido em: 21/8/2008

Versão final reapresentada em: 6/9/2011

Aprovado em: 5/10/2011